

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E OS SABERES CONSTITUÍDOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA POR DOCENTES E DISCENTES COM BASE NA FILOSOFIA DE GEORGE HERBERT MEAD**

[THE CONSTRUCTION OF MEMORY AND THE KNOWLEDGE CONSTITUTED IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY BY TEACHERS AND STUDENTS BASED ON THE PHILOSOPHY OF GEORGE HERBERT MEAD]

**Nerêida Maria Santos Mafra De Benedictis**

*nereidamafrabenedictis@gmail.com*

*<https://orcid.org/0000-0001-9257-3487>*

*Professora Doutora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/UESB/Bahia/Brasil.*

**José Ricardo Rosa dos Santos**

*ricardorosaiibaiano@gmail.com*

*<https://orcid.org/0000-0003-0432-7089>*

*Doutor em Ciências da Educação pela Universidad Americana - PY, reconhecido pela Unirio. Professor efetivo do IF Baiano. Professor permanente do PPged.*

**DOI: [10.25244/1984-5561.2026.8179](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2026.8179)**

Recebido em: 22 de março de 2026. Aprovado em: 08 de maio de 2026.

Caicó, ano 19, n. 1, 2026, p. 51-65  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2026.8179](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2026.8179)  
Dossiê George Herbert Mead



**A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead**

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

**Resumo:** Esse artigo discute a importância da construção da memória e os saberes constituídos de docentes e discentes com base na teoria do filósofo George Hebert Mead como recurso para a pesquisa sobre o significado dos conteúdos da geografia, tendo como referência as relações estabelecidas em sala de aula entre docentes/discentes para o ensino de Geografia. Com base no conhecimento do Interacionismo Simbólico Meadiano objetiva-se a construção, juntamente com alunos e professores, da memória de um lugar, valorizando as narrativas e reconstruindo suas histórias e a de seus lugares. São essas narrativas que possibilitarão a cultura do conhecimento no ensino de Geografia e, ao mesmo tempo, uma vivência significativa dos conteúdos que poderão ser trabalhados em sala de aula. Abarcar a memória e o olhar geográfico na Educação Básica é penetrar em um mundo de subjetividades e realidades diversas que subsistem no espaço escolar. O estudo sobre essa temática se apresentou como um desafio, contudo, foi relevante pois alargou a base teórica que permeia o tema em questão, revisitando conceitos e teorias que serviram de suporte e amadurecimento para as análises e discussões futuras deste fenômeno.

**Palavras-chaves:** Memória. Saberes. Ensino de Geografia. Interacionismo Simbólico Meadiano.

**Abstract:** This article discusses the importance of the construction of memory and the knowledge constituted by teachers and students based on the theory of the philosopher George Hebert Mead as a resource for research on the meaning of the contents of geography, having as reference the relationships established in the classroom between teachers and students for the teaching of Geography. Based on the knowledge of Meadian Symbolic Interactionism, the objective is to build, together with students and teachers, the memory of a place, valuing the narratives and reconstructing their histories and that of their places. It is these narratives that will enable the culture of knowledge in the teaching of Geography and, at the same time, a significant experience of the contents that can be worked on in the classroom. To encompass memory and the geographical view in Basic Education is to penetrate a world of subjectivities and diverse realities that subsist in the school space. The study on this theme presented itself as a challenge, however, it was relevant because it broadened the theoretical basis that permeates the theme in question, revisiting concepts and theories that served as support and maturation for future analyses and discussions of this phenomenon.

**Keywords:** Memory. Know. Geography Teaching. Meadian Symbolic Interactionism.

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda sobre a importância da construção da memória e os saberes constituídos de docentes e discentes utilizando-se da teoria do filósofo George Herbert Mead como recurso para a pesquisa sobre o significado dos conteúdos da geografia como referência nas relações estabelecidas em sala de aula entre docentes/discentes para o ensino de Geografia. Durante o desenvolvimento do trabalho foi importante observar a relação dos conteúdos discutidos em sala de aula e o contexto social tanto de docentes como de discentes, pois os mesmos são sujeitos que constroem e reconstróem suas memórias no tempo e no espaço por meio dos grupos sociais aos quais fazem parte. Medeiros (2016) destaca que:

Tal discussão permite desenvolver um estudo sobre o espaço escolar, entendendo-o como o resultado materializado da sociedade e como um espaço de (re)construção de memórias. Com base em seus estudos sobre Herbert Mead, Medeiros (2016) apresenta a seguinte contribuição para esta pesquisa:

[...] a memória social — “*self*” surge em toda ação formativa do indivíduo ao longo de sua vida, por reminiscências através de um diálogo internalizado do sujeito com o outro generalizado nas experiências individuais e sociais, cujos elementos de desenvolvimento do “*self*” dar-se-ão por meio da linguagem, dos gestos significantes e das ações sociais vivenciadas nos grupos. (Medeiros, 2016, p. 44).

Nesta perspectiva, a teoria Meadiana proporcionou o olhar para a compreensão da atuação dos docentes e discentes nas relações escolares, tomando como base os conteúdos da Geografia, como disciplina escolar, que possuíam significados no processo educativo. Segundo Mead (1972), a constituição dos significados é resultado da interação social e interpretação que cada um possui e elabora. Desse modo, o ensino de Geografia poderá imergir na subjetividade comunicada por meio das narrativas dos sujeitos sociais, no caso docente e discente, no momento em que discorrem sobre a sua trajetória de vida, o lugar onde vivem e o seu contexto de vida.

Para Mead (1972) o que torna uma coisa significativa são as ações comuns que criam ao mesmo tempo a ação do sujeito nas relações, mas é necessário ter um sistema de significados intersubjetivamente reconhecidos. Essa ação poderá permitir a transmissão de sentido de forma perceptível e compreensível. Os significados podem ser expressos por meio de símbolos e estes geram as ações dos sujeitos por meio de uma ação comunicativa.

Com base no conhecimento do Interacionismo Simbólico Meadiano é plausível a construção, juntamente com alunos e professores, da memória de um lugar, valorizando as narrativas e reconstruindo suas histórias e a de seus lugares. São essas narrativas que possibilitarão a cultura do conhecimento no ensino de Geografia e, ao mesmo tempo, uma vivência significativa dos conteúdos que poderão ser trabalhados em sala de aula. Esse contexto nos faz refletir a escola como uma instituição que promove a mediação entre os significados, os sentimentos e os comportamentos da comunidade social (Gomez, 2001).

Essa realidade confere à escola um novo repensar de suas ações e metas, não somente pela aprendizagem dos conteúdos, mas pelo seu modo de ser e fazer educação no cotidiano da

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

escola e da comunidade escolar. Essa visão possibilita uma nova relação entre a sociedade, a escola e a educação, e especificamente, o Ensino de Geografia. Essa totalidade, permite ao pesquisador (a) as seguintes indagações: qual papel é conferido à escola e ao ensino de Geografia no que tange ao conhecimento dos grupos sociais de sua comunidade? Como aproximar a memória docente e discente, já que ambas estão imersas no cotidiano escolar? Como tal aproximação repercute no ensino aprendizagem de Geografia?

No espaço escolar há uma discussão e busca constantes por mudanças, sobretudo, no que confere à relação dos docentes e discentes. Se nos depararmos com a situação concreta do professor, apreenderemos um complexo de dificuldades vivenciadas, que submergem desde os aspectos profissionais, pedagógicos até os estruturais. Os discentes, por sua vez, inseridos em uma dialética social, apresentam-se como sujeitos de um espaço social na escola e buscam construir, por meio do cotidiano escolar, uma relação que se aproxima da sua própria realidade e dinâmica.

Abarcar a memória e o olhar geográfico na Educação Básica é penetrar em um mundo de subjetividades e realidades diversas que subsistem no espaço escolar. Essa realidade permite compreender o ensino de Geografia como uma ação interativa entre docentes e discentes, por meio das relações humanas, baseado no trabalho com o conhecimento e na organização da comunidade escolar, cujo alvo é colaborar com a formação do discente na sua totalidade, tendo como mediação o conhecimento que possa possibilitar a sua práxis em sociedade. Sobre isso, Vasconcellos corrobora:

É neste ser intencional que se insere uma das dimensões políticas da educação, onde se expressa o compromisso, a paixão, o desejo de um homem novo e de uma sociedade nova. É por aqui que passa a força maior que sustenta o trabalho: é só na medida em que temos uma perspectiva, um projeto, um desejo, uma esperança, é que continuamos na luta. (Vasconcellos, 2007, p. 39).

O processo educativo no espaço escolar se apresenta como um meio de interação com a realidade, com os sujeitos que possuem uma memória que é constituída como fruto de uma formação no social, nos grupos sociais que fazem parte. Portanto, para a pesquisa no ensino de Geografia, torna-se relevante reconhecer as diversidades dos docentes e discentes presentes nesse universo que é a escola, o que poderá proporcionar uma compreensão sobre a memória social e individual que se concretiza nesse espaço e que podem interferir nas ações pedagógicas e, por conseguinte, no processo ensino aprendizagem.

Arrazoando a memória como um meio para a formação das tradições e cultura na sociedade, compreendemos como Cortella (2000) quando evidencia a cultura como uma consequência das ações do homem sobre o mundo por meio do seu trabalho. Essas ações estão intrinsecamente ligadas às vivências e experiências dos sujeitos nos grupos sociais. Deste modo, não há sujeitos sem experiências de vida, memórias, visto que é na interação social que “[...] somos socialmente formados (com valores, crenças, regras, objetos, conhecimentos etc.) e historicamente determinados (com as condições e concepções da época na qual vivemos)” (Cortella, 2000, p. 42). Aferir a memória como alvo de partida para repensar a educação, sobretudo, o ensino de Geografia é avaliar o espaço escolar como um todo, a sua comunidade, suas experiências, anseios e a reflexão da sua proposta pedagógica. Para Penin e Vieira,

**A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead**

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

[...] no âmbito da escola, pensar o ensino significa refletir a respeito do seu projeto pedagógico. A Didática de um professor ou a metodologia e a avaliação de uma disciplina específica devem ser discutidas com todos os professores e especialistas, tendo em vista os objetivos da escola básica e os de sua escola. (Penin e Vieira, 2002, p. 37)

A laboração do projeto, que se espera ter a participação de toda a comunidade escolar deve harmonizar-se com as discussões sobre os problemas da escola e a construção de vivências e experiências dos sujeitos sociais que a compõem. Esse pensamento, promove uma reflexão coletiva dos diversos contextos, dinamiza e dá qualidade ao processo ensino aprendizagem.

Para isso, é imprescindível estabelecer ações que procurem distinguir os grupos sociais que (re)produzem o espaço escolar, bem como as relações por eles constituídas permitindo um escavar no conhecimento da memória docente e discente. Ao meditar sobre essa ideia, compreendemos que a escola não é uma célula independente e, portanto, precisa estar agregada às ações da sociedade e à memória social. Isso significa dizer que, a escola nesta sociedade diversa, deve estar atenta e ao mesmo tempo deve ser capaz de conectar-se à memória docente e discente para poder planejar suas ações.

Nesse sentido, o pesquisador(a) ao ser inserido no universo do espaço escolar, poderá elaborar diversas questões, entre elas: Qual a importância sobre o estudo da memória no processo educacional? Qual a relação da memória docente e discente para o ensino de Geografia? Como a memória docente e discente se estabelece dentro do espaço escolar? O ensino de Geografia está preparado para integrar à sua proposta a experiência dos docentes e discentes? Em que condições o ensino de Geografia poderá realizar-se na formação de sujeitos atuantes, perante esse contexto que envolve a educação no país? Como se manifestam no espaço escolar os saberes da prática social dos seus sujeitos? De que maneira essa formação contextualiza-se no cotidiano escolar?

Relacionando as indagações apresentadas com os desafios achados em uma sala de aula por diferentes grupos sociais é relevante ressaltar que, tais inquiuições podem residir na concepção do homem como sujeito da história, cuja prática o conduz a um movimento dialético nesse processo. Essa visão é de extrema importância para o estudo da relação entre a memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia.

A discussão aqui apresentada tem o intuito de ultrapassar a ingenuidade de que a escola poderá mudar a sociedade. Tal consideração é feita em virtude do modelo econômico e social vigente que mascara, dentre outras coisas, as desigualdades sociais, pois a transição da era industrial para a informacional representou uma mudança de paradigmas e em especial na educação. Conceitos como globalização e rede, tornaram-se mais presentes e figuram inúmeros desafios para a sociedade, principalmente no que diz respeito à educação. A transferência de fatores clássicos como mão-de-obra, energia, matéria-prima, na esfera da produção mercantil pela informação e pelo conhecimento, abarcam aspectos econômicos, sociais e culturais que necessitam ser versados com novas considerações e novas metodologias pela escola.

Essa sociedade informacional tem a capacidade de elencar as informações e transformá-las em conhecimento. A educação passa a ter um papel importante. Conforme Granel e Vila (2003, p.15), “[...] são muitas as vozes que reivindicam a importância da educação para enfrentar tais desafios”. Segundo os autores, a escola deverá “[...] formar pessoas para que possam aprender

**A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead**

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

continuamente” (p.20). E essa formação se dará através da cidadania, dos aspectos sociais, científicos e culturais.

Nos últimos quarenta anos, o Brasil passou por um rápido processo de urbanização, e isso significou a criação de novas áreas urbanas e uma massificação do gênero urbano de vida de todas as áreas já existentes. Esse quadro gerou, em meio a outras coisas, uma redução nos investimentos nos setores sociais provocando uma crise nos serviços públicos e uma ampliação do setor privado da economia. Desta forma, Cortella avalia que:

Na educação, alguns dos feitos foram desastrosos: demanda explosiva (sem um preparo suficiente da rede física), depauperação do instrumental didático-pedagógico nas unidades escolares (reduzindo a eficácia da prática educativa), ingresso massivo de educadores sem formação apropriada (com queda violenta da qualidade de ensino no momento em que as camadas populares vão chegando de fato à Escola), diminuição acentuada das condições salariais dos educadores (multiplicando jornadas de trabalho e prejudicando ainda mais a preparação) [...] (Cortella, 2000, p. 12)

A realidade da educação no Brasil é reflexo de conceitos que foram realizados pelo viés de um modelo econômico que sucumbiu a educação pública, conforme o autor, a um verdadeiro “[...] apatheid social implementado pelas elites econômicas e é a partir dele que podemos compreender a crise da Educação e a atuação político/pedagógica dos educadores” (Cortella, 2000, p.13). Nas décadas de 1980 e 1990 ocorreram diversas reformas no âmbito do Estado, principalmente no que tange às políticas públicas, pois segundo Germano:

O processo de globalização, entendido como a expressão das forças do mercado, liberadas da regulação exercida pela esfera política da sociedade, pressupõe que todos os campos da vida social passam a ser submetidos à valorização do capital privado, incluídos a cultura, a educação, a saúde. (Germano, 2002, p. 187)

Conforme o autor, fica evidente que, esse processo não atingiu apenas a economia, na verdade concretizou, o que, há anos, se estabelecia. A educação tornou-se como um celeiro de preparação de mão-de-obra qualificada com vistas a atender a uma nova necessidade do mercado. Portanto, não é fruto de uma ação isolada, mas são partes de políticas públicas educacionais inseridas desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

Essas ditas políticas estabeleceram metas que afetaram profundamente a função social da escola e a sua prática pedagógica. Essa realidade gerou uma visão da educação como mais um elemento do modelo econômico vigente e não como bem social. Dessa forma, as políticas adotadas não contemplaram a realidade escolar e assim conduziram o processo de ensino aprendizagem, em certa medida, a uma depauperação no sentido teórico-metodológico.

Essas políticas, além dos aspectos impresumíveis, também concederam maior autonomia e responsabilidade para a escola, o que na verdade possibilitou a elaboração dos projetos pedagógicos com uma visão mais democrática, porém também limita essa autonomia na medida em que elabora instrumentos de monitoramento e avaliação, o que contradiz as discussões propostas nas décadas de 1970 e 1980.

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

Pensar numa escola com essas características é penetrar num emaranhado de contextualizações do cotidiano escolar, da condição do ensino até a aprendizagem dos educandos, é discutir sobre as mudanças ocorridas e um repensar, de forma profunda, a estrutura das instituições de ensino e, conseqüentemente, em novas práticas pedagógicas.

Em suas análises, Arroyo (2013) afirma que a escola possui uma identidade peculiar que a diferencia das demais instituições que sobreviveram ao passar das épocas (família, igreja, fábrica, exército, etc.) na perspectiva de cada conjuntura social. O que a identifica são justamente as suas práticas que se repetem no decorrer da história e lhe fornecem uma marca. Para o autor, em qualquer lugar do mundo é possível identificar “[...] as formas físicas das escolas e as formas de fazer dos docentes” (Arroyo, 2013, p. 152). As peculiaridades desta instituição e dos seus protagonistas são resultantes dos ritos e dos fazeres que durante décadas e séculos foram sendo incorporados às práticas dos professores e alunos, assegurando o papel exercido pela escola na sociedade.

Assim, ao reconhecer um espaço como escolar, faz-se a leitura das práticas que durante tempos e tempos foram sendo alicerçadas na caminhada de cada pessoa que deixou no rastro da sua existência as peculiaridades inerentes ao jeito de ser, de ensinar e de aprender. Alguns chamam isto de tradicionalismo; contudo, abrir mão de permanências em prol de muitas rupturas gera a sensação de que se está pisando em terreno movediço. Arroyo (2013, p. 153) acrescenta que “[...] toda instituição garante sua função social na continuidade de suas práticas, de seus rituais, de sua cultura, de suas relações sociais e de sua estrutura”. Dessa forma são tecidos os fios identitários que legitimam o papel das instituições escolares, bem como dos sujeitos sociais que imprimem suas marcas nestes espaços.

O discurso do novo na Educação é melhor acolhido quando alicerçado naquilo que chamam de velho, pois “[...] repetimos mais do que inventamos, [...] porque nossas escolhas têm de repetir os rituais perenes que dão identidade à escola e ao ofício de mestre” (Arroyo, 2013, p. 153). Adentrar os portões da escola é conviver com o que o passado deixou como legado, experienciar o hoje com todas as possibilidades que são apresentadas e se alimentar da esperança que se materializará no amanhã.

Uma parte considerável da trajetória de vida das pessoas é construída no espaço escolar, mas essas pessoas não se fazem apenas sob a influência das relações ali constituídas. Pelo contrário, as interações sociais experienciadas no decurso da existência possuem sua parcela de colaboração na formação do ser humano. Ao tratar sobre a importância dos relacionamentos sociais para nos humanizar, Romão (2018, p.63) ressalta que “[...] o outro ‘é meu primeiro ensinamento’. Junta-se a mim para (ser)vir. [...] Ser para além da escola. Ser para além do professor que ensina a lição. Ser em sociedade. Nela promove-se educação no seu sentido mais amplo.”

É bem verdade que as interações sociais que se constroem no tempo escolar colaboram no processo de formação do ser humano, seja em relação a si e ao outro. Charlot (2005) afirma que por meio da educação o ser humano se humaniza, se forma socialmente e se faz totalmente singular. Na escola aprende-se saberes disciplinares, mas seu campo de atuação não se limita a esta aprendizagem. No espaço escolar, como espaço de relacionamentos, cria-se, sobretudo, as condições necessárias para a elevação da condição humana.

A escola como espaço sociocultural possui grupos de sujeitos que vivem numa sociedade, sujeitos que constroem e reconstroem suas memórias. Para estudar esse espaço e sua visão de educação é necessário considerar o seu cotidiano, construído por docentes e discentes, sujeitos

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

sociais e históricos que vivem por meio dos grupos sociais construindo e reconstruindo suas memórias.

As experiências vividas no espaço escolar são relevantes na formação de um indivíduo. As ações desenvolvidas neste ambiente são carregadas de intencionalidade, sendo planejadas com objetivos a serem alcançados. Desde a mais tenra idade – e cada vez mais cedo – o ser humano adentra os portões de uma unidade escolar para a aquisição de um conhecimento que ultrapassa o sentido do aprendizado da matéria, dos conteúdos programados, do saber institucionalizado. A aprendizagem na convivência com pessoas que não compõem o núcleo familiar mais próximo ensina ainda mais o respeito aos limites, instrui sobre a alteridade em um mundo cada vez mais plural.

Em tempos em que reconhecer a diferença e respeitá-la é fundamental para que nos tornemos mais humanos, Arendt (2007, p. 189) salienta que “[...] no homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidades e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres singulares”. A experiência vivida no contexto da escola propicia a aprendizagem desta distinção singular dos seres humanos por meio do discurso e da ação (Arendt, 2007), elementos basilares na constituição de nossa humanidade. O tempo vivido dentro dos muros de uma escola, no espaço de uma sala de aula, é precioso na existência de uma pessoa. Sua formação será permeada pelas influências recebidas, nas trocas estabelecidas com colegas, mestres, gestores e funcionários; e o professor possui um papel extremamente importante neste processo.

Nesta perspectiva, o professor também se encontra em um contínuo fazer-se, porque o exercício da docência é um constante aprendizado. “A feitura do educador [...] é resultado do conjunto das relações sociais, faz-se nessas e dessas relações. Não há trabalho mais relacional, e, por isso, de comunicação, que o trabalho docente. E enquanto o realiza, se faz permanentemente sem jamais se concluir” (Romão, 2018, p. 63). Nas relações que se estabelecem nos espaços de interlocução que se materializa na escola, na professoralidade, o mestre se faz a cada dia mais humano – ou desumano. A qualidade dos vínculos que são constituídos neste espaço colabora na humanização ou desumanização dos protagonistas do espaço escolar.

Assim, pensar a escola como espaço sociocultural implica em rememorar as memórias dos sujeitos que a constitui, como instituição. Expressa uma análise dos resultados produzidos pelas relações sociais, que marcam a sociedade e definem propostas pedagógicas para uma estrutura escolar. Nessa perspectiva, faz-se necessário a busca, no contexto escolar, das ações propostas de educação, dos saberes sociais, da memória dos educadores e dos discentes. É necessário que o pesquisador(a) busque contextualizar a realidade social e os saberes que a compõem, que podem ser expressos, em certa medida, por meio do conhecimento disciplinar, da memória docente e discente.

## 2 A MEMÓRIA COMO UM IMPORTANTE RECURSO NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES E FAZERES NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O estudo sobre a Memória vem se constituindo, como um importante campo do saber e demarca uma multiplicidade de conhecimentos, por isso, possui uma natureza multimodal, para

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

além do mental e do biológico. Por conseguinte, realizar estudos sobre a concepção da memória, nos conduz a leituras diversas sobre o modo de pensar a temática.

Assim, torna-se imprescindível buscar um percurso, relacionando os conceitos e considerando, sobretudo, os contextos sociais dos sujeitos da pesquisa e da memória que se quer construir e estudar. Esse estudo torna-se possível, por meio da teoria da memória coletiva, elaborada pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs, no início do século XX.

Para Halbwachs (2006), na sociedade há uma diversidade de comportamentos, intenções, anseios, e, essas características integram a própria sociedade por meio das relações sociais. Para isso, o autor fez observações da vida social concreta e cotidiana e teorizou a ideia de que a memória se estabelece nas relações sociais reais, nas lembranças contidas na sociedade por meio dos Quadros Sociais da Memória. Esse pensamento aproximou a sociologia da “realidade concreta da existência” (Halbwachs, 2006, p. 07), e possibilitou um novo olhar da vida cotidiana.

Desse modo, parte-se de uma dimensão individual para a coletiva, pois as lembranças não podem existir afastadas da sociedade. É nessa percepção que compreendemos a busca pela memória dos discentes e docentes da Educação Básica para abarcar os saberes e fazeres da Geografia nesse contexto. A memória se materializa na sociedade que a circunda, por meio dos grupos que a compõem. Logo, essa materialidade da memória é concretizada no espaço escolar por meio das relações estabelecidas nos saberes e fazeres do conhecimento, sobretudo, o conhecimento geográfico.

As memórias dos docentes e discentes estão sujeitas aos seus suportes sociais, denominados quadros sociais da memória, ou seja, a memória social. Essa visão atribui à memória, a função de fomentar a relação entre os membros de um grupo, tendo por base o seu passado coletivo, com valores e significações. Desta maneira, o ato de lembrar está atrelado aos grupos sociais aos quais nos inserimos e onde construímos cada momento vivido. Halbwachs (2006, p. 51) salienta que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva [...], este ponto de vista muda segundo o lugar que ali eu ocupo [...], e este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. Nesta perspectiva percebe-se que a rememoração possui a sua singularidade mesmo no contexto coletivo. As nossas experiências são construídas na relação com o outro e elas serão o pano de fundo daquilo que traremos à memória. Contudo, cada uma destas experiências se reveste de uma personalidade, pois depende do olhar com o qual eu me volto para rememorar-la e do lugar de onde narro.

Ao recordar as experiências vividas, a memória segue as pegadas do que afetou, do que deixou vestígios nas relações construídas com o outro. As impressões sobre o que passou só remetem ao presente se estiverem impregnadas de sentimentos. Serão rememoradas se possuírem indícios que rompem com a uniformidade, com o que é comum. No jogo da vida o que afeta, o que toca o coração é o que será depositado nos guardados da memória.

O humano se faz nos contextos sociais, nos relacionamentos, nos espaços de convívio. Ao perceber o outro e a sua diversidade, eu também sou formado e cada uma destas percepções que se materializam nestas experiências deixam suas marcas. A vida de uma pessoa é tecida por diversas mãos. São muitas influências, vestígios daqueles que passaram e perpassaram nossos percursos formativos. Vidas são livros, cada página escrita recebe a tinta de muitos outros; se tecida ou escrita, o que fica é a certeza de que neste fazer cotidiano da vida nos imbricamos mutuamente e somos um pouco de nós e um pouco do outro. Estas são as impressões que se fixam na tessitura da existência. Como não nos fazemos sós, no processo de rememoração, os

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

indícios mais significativos serão aqueles constituídos coletivamente, que possuirá tanto a marca do eu como do nós.

A memória coletiva é o lugar de ancoragem da identidade do grupo, de base comum, características que atribui a sua continuidade no tempo e no espaço (Halbwachs, 2006). Nessa perspectiva, existe uma necessidade de compreensão da vida dos grupos que compõem o espaço escolar, seus anseios, conhecimentos, lutas, comportamentos, por meio da lembrança do indivíduo, que está no limite e aparece na interseção do “pensamento coletivo”. As lembranças são como balizas que podem situar o indivíduo nos contextos sociais e na experiência coletiva histórica.

Reconhecendo a memória docente e discente como pertencente a grupos na sociedade, partes de uma memória coletiva, torna-se relevante a compreensão dessas memórias no espaço escolar para a apreensão dos saberes e fazeres no ensino de Geografia. Esse conhecimento permitirá a utilização da memória como um importante recurso para a concepção da produção do conhecimento geográfico, pois se entende que, por meio da memória do grupo, esse exercício é possível em virtude das palavras e ideias que são expressas pelos indivíduos por meio dos grupos de que participa, limitando-se ao espaço e tempo podendo ser mais próxima ou distante.

Esse texto e proposição fazem parte de diversos estudos que são desenvolvidos no Curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por meio de pesquisas e do planejamento das disciplinas didático-pedagógicas do curso, principalmente pela supervisão de Estágio Supervisionado.

As pesquisas acerca do ambiente escolar e as relações constituídas nesse universo, assim como as reflexões, permitiram pensar o espaço escolar como produto da construção de memórias docente e discente, como sujeitos que congregam ao seu modo, práticas e saberes dos quais se apropriaram em diferentes momentos e contextos de vida.

As pesquisas a serem realizadas se constituirão como um importante instrumento que aqui se apresenta, tendo como campo de estudo as escolas da Educação Básica. A escolha por tal proposta decorre da percepção, no espaço escolar, de uma diversificação de memórias e que de alguma forma, influenciam os saberes e fazeres no ensino, sobretudo, o da disciplina de Geografia.

Esse conhecimento insere-se por meio do contexto histórico, cultural e social que submerge na escola. Isso expressa, fundar relações entre a sociedade, a educação e a escola. Com a supervisão de estágio e pesquisas realizadas nas escolas durante os últimos 02 anos, por meio do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e das discussões promovidas pelo Núcleo de Análise da Memória Social, Espaço e Educação (NUAMSEE) foi possível olhar para o cotidiano escolar e apreender experiências marcantes no tocante às concepções de ensino e saberes em Geografia.

Tal inserção no cotidiano escolar gerou a percepção de diferentes memórias e saberes que são efetivadas no universo escolar. Pois é na escola, que os diferentes grupos sociais, que a compõem – docentes, discentes, pais, poder público, professores e demais agentes pedagógicos – suscitam constantemente uma diversidade de demandas. Demandas estas, que advêm de grupos com experiências e vivências as mais distintas e que são constitutivas de uma memória que reflete, em certa medida, uma dinâmica que movimenta e organiza o espaço escolar, visto aqui na noção definida por Bourdieu (2007) como “campo social”, ou seja, um espaço estratificado com relações de poder e domínio cultural, cujas decisões são tomadas segundo a visão formada no próprio espaço, pois conforme o autor tais grupos atuam “[...] sempre com pontos de vista,

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

interesses e referenciais determinados pela posição que ocupam no mesmo mundo que pretendem transformar ou conservar “ (Bourdieu, 1989, p. 8).

Essa postura requer uma percepção do papel ideológico e político que caracteriza as relações sociais na escola, pois tal situação ao invés de transformar a sociedade, corrobora e reproduz as desigualdades sociais. Nessa perspectiva, a concepção de um projeto de ensino envolve, indiscutivelmente, escolhas ideológicas. Portanto, como reflete Resende (1995, p. 53 - 54), a sua construção deve “[...] basear-se naquilo que a escola possui de particular, levando em conta seus limites, recursos materiais e humanos, enfim, sua história”.

Portanto, a construção de um projeto de ensino deve estar relacionada com o contexto social dos discentes, com a construção e reconstrução de suas memórias. Perrenoud (1999, p. 14) atesta que “[...] um número cada vez maior de jovens adquire maior escolaridade, mas eles serão mais tolerantes, mais responsáveis, mais capazes do que seus predecessores para agir e para viver em sociedade?”

Essas questões decorrem de um legado que perdura há décadas, uma estrutura marcada pela dominação de saberes e fazeres emanados de um contexto social e econômico que exige da escola resultados, que segundo Perrenoud (1999, p. 15) deriva de transformações que vem atravessando a sociedade, no que tange as tecnologias e aos modos de vida, aferindo a escola uma “[...] capacidade multiforme de adaptação às diferenças e mudanças”.

Contraditoriamente a esse sistema, o ensino de Geografia deve ser organizado considerando os sujeitos principais, docentes e discentes no processo ensino aprendizagem, com um compromisso socioeducativo vinculado aos interesses coletivos da sua comunidade, partindo de uma prática social ajustada para a solução de conflitos da educação e do ensino.

A realidade descrita pode ser evidenciada nos relatórios de Estágio Supervisionado, em que nos deparamos com diversos problemas registrados por estagiários acerca da escola e do ensino de Geografia, envolvendo narrativas de docentes e discentes, especialmente, no que tange ao universo escolar, sobre as insatisfações que se alastram entre os educadores no que concerne às condições de trabalho, ausência de políticas mais efetivas vinculadas à sua realidade, enfermidades na docência, recursos didáticos, baixos salários, carga horária extensa e quantidade de estudantes em sala. Os estudantes apontam a falta de compromisso de alguns professores de Geografia, a baixa qualidade do processo ensino aprendizagem, a ausência de um ensino mais atrativo e de infraestrutura da escola. Os estagiários, por sua vez, identificam situações que demonstram a falta de interesse dos estudantes, da falta de recursos didáticos pedagógicos e de uma política educacional eficaz que possa combater a precariedade do ensino.

Tais constatações refletem sobre o ensino aprendizagem e toda complexidade das relações nesse processo. Na escola, os problemas que se avolumam, não se restringem apenas ao processo ensino aprendizagem, mas também a construção e reconstrução das memórias docentes e discentes presentes na produção do espaço escolar. Nessa perspectiva, a produção do presente texto, configurou-se por meio de diversas discussões, em que se percebeu que a pesquisa em educação, é ainda um campo fértil, pois permite a cada dificuldade, como a realidade mencionada, um novo repensar, um criar de possibilidades, do virtual ao real, do utópico ao construído.

Sabe-se que o contexto de vida na atualidade é propagado pelos avanços científicos e tecnológicos, que refletem, principalmente, no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, na construção e reconstrução de suas memórias. A escola tem recebido sujeitos das mais diversas classes, que correspondem a um tipo de realidade social. No entanto, mesmo vivendo numa

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

realidade científica desenvolvida, continua como pressuposto de incertezas e os paradigmas educacionais continuam presos ao modelo tradicional e ideológico partidário.

O impacto da ciência, da globalização, da transformação dos processos de produção, da tecnologia tem promovido discussões sobre a necessidade da escola em se reorganizar, pois o modelo que a sustenta revela um distanciamento da realidade socioeconômica e cultural da comunidade escolar. Assim, é imperativo avaliar os “saberes e fazeres”, a concepção teórico-metodológica, pois pode conceber probabilidades de interferência e mudança.

Severino (1998) reflete que a educação precisa se realizar através de mediações práticas por meio de um projeto educacional que esteja vinculado a um projeto histórico e social. Na esfera da escola pública, percebe-se uma preocupação constante com ações direcionadas para a visão democrática da educação. No entanto, a realidade contextualizada no espaço escolar e vivenciada por docentes e discentes é uma abscissa entre o pensar essas ações e a sua materialização no cotidiano. É certo que, como as políticas públicas estão cada vez mais subordinadas a estrutura financeira e por isso atravança-se mais com questões de ordem técnica, distancia-se do objetivo para o qual foi criada.

A escola, por sua vez, perde a sua função social e aparelha-se de um contexto que se distancia da realidade de seus sujeitos, principalmente, de discentes e docentes. A escola não pode ser mais omissa diante das transformações da sociedade, pois esta espera a formação de discentes, que através de suas realidades, façam análise dessas, de forma crítica, participativa e que possam retomar o seu papel de sujeitos.

O papel e a função social da escola devem ser redimensionados, pois as mudanças depositadas para a escola, pela própria sociedade contemporânea e por propostas de políticas públicas de educação, avolumam ainda mais os conflitos. Assim, a pesquisa na área de educação, por meio da memória, cria e recria expectativas, pois como enfatiza Fazenda:

Aventuro-me a ir ao encontro dos que são motivo dessa perplexidade. Adentro à singeleza das escolas e descubro lá novas hipóteses de teoria. Olhares mais penetrantes, mentes mais predispostas – tudo a ser feito, tudo a ser construído – maravilhosa utopia de quem crê que a vida, como a educação, pode-se fazer como arte – construtora de um amanhã mais pleno, mais realizado e mais feliz. (Fazenda, 1995, p. 14)

É nesse contexto que as pesquisas na área de educação podem ser ampliadas, ou seja, o movimentar-se no olhar a redefinição da Escola Básica, na instituição pública, que produz modificações no espaço dela mesma, no que concerne ao processo ensino aprendizagem, nas relações humanas e administrativas. Essa realidade parece indicar uma crise de identidade da escola e de sua comunidade, pois se torna seletiva e classificatória no contexto das relações docente- discente, e esse quadro gera um processo de alteração de ordem social e cultural. É um movimento que se encontra numa relação dialética entre a de sala de aula, a escola, as modificações históricas da produção acadêmica e as várias ações do governo que são representadas hoje por propostas curriculares nacionais, avaliações dos professores e porque não falar, de um quadro que se perpetua de forma invariável, da estrutura da escola e de sua organização pedagógica. Sobre isso, Pontuschka corrobora:

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

Diante das múltiplas ações e orientações originárias dos órgãos centrais da educação vinculadas à política educacional do país, perguntamos: que caminhos o professor e a escola podem trilhar para que os alunos dos diferentes níveis de ensino compreendam [...] e ampliem sua visão de mundo, conheçam seu papel na sociedade [...], em uma economia mundializada e de vida globalizada? (Pontuschka, 1999, p. 111)

Fica claro que essas discussões propõem a construção de uma escola que possa contribuir para a formação do discente. Porém, essa meta tem sido muito difícil de ser cumprida, principalmente, porque se tem um público extremamente numeroso e heterogêneo do ponto de vista escolar e sociocultural. Assim, conhecer o docente e discente, por meio de sua memória individual e coletiva, e os saberes que trazem, é o ponto de partida.

É certo que a crise que permeia a educação não é exclusiva aos dias atuais. Tem sido, como salienta Cortella (2000), inerente à vida nacional, isso porque, segundo o autor, ainda não foi alcançado um patamar de justiça social que seja compatível com a riqueza produzida e que é desfrutada por uma minoria. O autor ainda esboça que essa crise não é intrínseca apenas a educação, pois “[...] todos os setores sociais vivem sucessivas e contínuas crises” (Cortella, 2000, p.9).

A velocidade e o dinamismo destas alterações exigem um constante repensar das práticas e posturas teórico-metodológicas na interpretação dos fenômenos. As mudanças são notadas em todas as dimensões de análise, seja ela histórica, cultural, política, produzindo novos problemas e desafios. No espaço escolar, estas mudanças são percebidas e apontam para a necessidade de se encontrar respostas para os desafios apresentados. Desse modo, são muitos os estudos sobre as questões educacionais já realizados e em andamento, no meio acadêmico e fora deste, alimentando o debate de diferentes pontos de vista, priorizando esta ou aquela temática, algumas novas, outras antigas, mas que comparecem, no debate público.

Vale ressaltar que, o estudo sobre essa temática foi um desafio. Contudo, foi relevante pois alargou a base teórica que permeia o tema em questão, revisitando conceitos e teorias que serviram de suporte e amadurecimento para as análises e discussões futuras deste fenômeno.

### **3 NÃO CONCLUINDO, MAS APRESENTANDO NOVAS POSSIBILIDADES PARA A CAMINHADA**

Cada professor com suas singularidades e cada aluno com suas peculiaridades. É na sala de aula que estes personagens se encontram e na materialidade deste encontro podem construir ou desconstruir relacionamentos e aprendizagens, ou simplesmente passarem despercebidos e invisíveis. Depende apenas da maneira como se abrem ou não para as possibilidades de aproximação ou distanciamento. Assim, conhecer um pouco mais sobre a vida do outro nos sensibiliza, nos ensina que existem limites e possibilidades para a convivência. Passamos a enxergar aquele que caminha conosco com outras lentes e experimentamos o que é ser empático,

## A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

acolhedor e humano. Esta experiência de pesquisa é válida para qualificar as relações construídas nos espaços de convívio da escola e vai além dos seus muros, fazendo a diferença nos percursos da vida que se vive todos os dias.

Ao sugerirmos a inserção da memória como um recurso para as pesquisas sobre o ensino de Geografia esperamos proporcionar diversas discussões que poderão municiar a escola de informações que visam esclarecer os problemas enfrentados e, conseqüentemente, fortalecer as iniciativas dos que acreditam e entendem a educação como um direito fundamental da sociedade, e como tal se manifesta nas múltiplas experiências e conflitos da realidade humana. Outro aspecto a ser considerado é a compreensão sobre a importância do uso da memória como uma porta para o conhecimento da memória individual e social dos docentes e discentes das escolas, bem como os saberes e fazeres no ensino de Geografia, com o intuito de orientar para a construção de uma proposta de ensino, dessa Ciência, que seja capaz de transformar a realidade e os diversos contextos que se apresentam.

Nesse sentido, é importante enfatizar sobre os procedimentos metodológicos para a investigação e dos princípios teóricos fundamentados na concepção de que na constituição do cotidiano da escola, novas memórias são agregadas e podem gerar novos saberes e fazeres no ensino de Geografia. Isso quer dizer que os sujeitos sociais estabelecem suas relações por meio de experiências e ações nos vários contextos em que atuam.

A abordagem a ser usada poderá permitir conhecer as concepções e a organização do trabalho pedagógico, tendo como base a realidade dos discentes e a relação da proposta com suas memórias e do exercício da docência dos professores de Geografia para a construção e reconstrução de suas memórias.

Ao pensar nos resultados que se espera, é importante discutir sobre a construção do objeto de estudo e o papel que o ensino de Geografia, seja na academia ou na escola poderá cumprir. Sabe-se que, desde as ações de transformação do pensar e fazer do próprio Curso de Licenciatura em Geografia, as mudanças poderão refletir nas práticas pedagógicas adequadas ao aperfeiçoamento do ensino, da pesquisa e de ações extensionistas na Educação Básica que versem sobre novos conhecimentos no saber e fazer da Ciência Geográfica acadêmica e na escolar.

Tais reflexões podem dar suporte para a construção de novos pensamentos sobre a licenciatura em Geografia, o currículo e a produção do conhecimento geográfico na escola. Outro aspecto é a ponte entre a universidade e a escola, a busca pelos profissionais, dos professores de geografia que há muito tempo, estão na ativa e que por muitas vezes, se sentem solitários na atuação profissional.

**A construção da memória e os saberes constituídos no ensino de Geografia por docentes e discentes com base na filosofia de George Herbert Mead**

DE BENEDICTIS, Nerêida M. S. M; SANTOS, José Ricardo R. dos.

**REFERÊNCIAS**

- ARENDET, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.
- BOURDIEU, P. **A distinção crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. **La noblesse d'État**. Grandes écoles et esprit de corps. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: Questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 166p.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1995.
- GERMANO, José Willington. Imagens da destituição: os pobres e a educação no Brasil. In: **Revista CRONOS**, Natal, RN, v. 3, n. 2, p. 25-36, jul./dez. 2002.
- GÓMEZ, A. I.P. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- GÓMEZ-GRANELL, Carmen e Vila, Ignacio (org.). **A cidade como projeto educativo**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 152 p.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. – São Paulo: Centauro, 2006, 224p.
- MEAD, G. H. **Espiritu, persona y sociedade**. Paidós, Barcelona, 1972.
- MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. **Memórias e identidade social da formação docente em Rio de Contas- BA, nas décadas de 1920 a 1960: reminiscências das educadoras e educadores de cátedra à universidade**. 2016. 337f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.
- PENIN, S. e VIEIRA, S. Refletindo sobre a função social da Escola. In: VIEIRA, S. L. (Org.). **Gestão da escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-45.
- PERRENOUD, P. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999 .
- PONTUSCHKA, N. N. Parâmetros curriculares nacionais: tensão entre Estado e escola. In: CARLOS, A.F.A. e Oliveira, A. U (Orgs.). **Reformas no Mundo da Educação: Parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.